

Um susto em Xangai

JORNAL DO BRASIL 9 MAR 2007

José Sarney,
ex-presidente da República,
senador e integrante da
Academia Brasileira de Letras

D S T Q Q S S

ESTAMOS EM PLENO MUNDO das expectativas e de contagiante nervosismo. Não só dos homens mas das máquinas também. Os computadores programados para detectar a menor ameaça ou anormalidade ficam mais frenéticos do que cantor de rock. Vejam um exemplo claro e inatacável disso no recente episódio da bolsa de Xangai. Derrubou logo as bolsas

do mundo inteiro sem que ninguém soubesse por quê.

Eu mesmo não sabia e quando li a notícia veio-me à cabeça o crack de 1929: a China entra em quebradeira! Nada disso. Chego a Nova York e vou fazer uma palestra no Council of the Americas, instituição-irmã da Americas Society que trata de economia – coisa em que não tenho nenhuma autoridade para falar. Meu tema era o Brasil. Vendi meu peixe dizendo do excelente período que atravessamos, de tranqüilidade econômica, política e financeira. Anunciei nossa chegada às reservas de US\$ 100 bilhões, bons números na

área social e nenhuma ameaça ou sintoma de que a nossa democracia não esteja cada vez mais forte e sendo mais aprofundada.

Mas tinha certeza de que o dia que escolheram para mim não era o dos melhores: a tal queda da Bolsa de Xangai. Perguntei ao presidente do maior banco americano, que entrava a meu lado: “E as consequências do que ocorre em Xangai?”. Pois ele me respondeu, com um certo desdém de quem ouvia uma pessoa totalmente desinformada: “Nenhuma”. “Como nenhuma?”, retruquei. “A Bolsa de Xangai é muito pequena, fechada, só negocia títulos chineses e nada

pesa em relação à economia mundial”, esclareceu seu julgamento. “Mas as bolsas do mundo inteiro acompanharam essa queda”. “Nervosismo de computador. Quando sente que em algum lugar do mundo alguém realiza um lucro maior ele dispara ‘fogo’ e não se procura saber se é de um fósforo ou de uma bomba nuclear”.

Fiquei bobo, vendo o perigo que nos espera com a tendência à histeria dessas máquinas. Lembrei-me daquela velha anedota em que disseram a um sujeito (no tempo das anedotas com portugueses que, graças a Deus, cessaram) que sua mulher morrera em

Niterói e ele pegou a barca e saiu alucinado para casa. Só então, desesperado, raciocinou que não era casado nem morava em Niterói. Velharia sem graça, mas aplicável. As bolsas que caíram no mundo inteiro não eram casadas nem moravam em Niterói. Nada tinham a ver com Xangai, titiquinha no rol dos centros de especulação mundial, esclareceram-me.

Concluiu o meu vizinho: “Crise é quando a economia vai mal. O problema da China não é crescer, é crescer menos do que cresce. Bolsa para eles ainda é coisa local”. E começou a tomar tranqüilamente seu café.